

## **A ÉTICA PERSONALISTA DE KAROL WOJTYŁA: UMA FILOSOFIA COMO EXPRESSÃO PROFÉTICA DE AFIRMAÇÃO DO VALOR DA PESSOA HUMANA**

Daniel Barreto de Oliveira<sup>1</sup>  
Emanuel Nilo da Silva Aires<sup>2</sup>  
Francisco Deusimar Andrade Albuquerque<sup>3</sup>

### **RESUMO**

O papa São João Paulo II travou um combate profético em defesa da pessoa humana a despeito do que chamou “Cultura de morte”, promovida por correntes culturais, econômicas e políticas, portadoras de uma concepção eficientista da sociedade. Antes de ser eleito Sumo Pontífice, o polonês Karol Wojtyła enfrentou os desafios de um século imerso em crises e marcado por regimes totalitários e ideologias que suplantavam a dignidade do homem. Diante deste cenário e do drama do homem contemporâneo – imerso na lógica da utilidade – respondeu a estes dilemas com uma antropologia. A intuição kantiana de que o homem deve ser tratado simultaneamente como meio e fim da ação e reconhecendo que o utilitarismo é um dos aspectos característicos do espírito do homem contemporâneo e da sua atitude para com a vida, o personalismo de Karol Wojtyła se manifesta como uma autêntica profecia ao afirmar que a pessoa é um bem em relação ao qual só o amor constitui atitude apta e válida. Partindo disto, este trabalho busca analisar a sua ética, que tem por base a norma personalista. Esta norma é a tentativa de traduzir em linguagem filosófica o mandamento do amor. Para Wojtyła, somos justos no tocante a uma pessoa se a amamos e este amor deve consistir essencialmente na afirmação do valor da pessoa. Toda essa noção corrobora para a compreensão da pessoa humana em sua integralidade e em sua inalienável dignidade, e que sua existência encontra no amor sua plena realização. Trata-se aqui de uma pesquisa com metodologia de cunho bibliográfico, portanto, uma pesquisa qualitativa que se propõe a uma revisão bibliográfica acerca da ética personalista de Karol Wojtyła.

**PALAVRAS-CHAVE:** Karol Wojtyła. Pessoa. Personalismo. Ética.

<sup>1</sup> Bacharel em Filosofia pelo Centro Universitário Católica de Quixadá (2017-2019). Bacharelado em Teologia no Centro Universitário Católica de Quixadá. Participa do grupo estudos dedicado ao pensamento de Karol Wojtyła (João Paulo II), vinculado à Faculdade Católica de Fortaleza (Grupo de Estudos Wojtylianos). ([daniel-barreto320@hotmail.com](mailto:daniel-barreto320@hotmail.com))

<sup>2</sup> Graduando no curso de Licenciatura em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN; integrante do Grupo de Estudos de Filosofia Medieval – GEFIM/LUMEN da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN; participa do Grupo de Estudos Wojtylianos da Faculdade Católica de Fortaleza que tem como linha de pesquisa o personalismo de Karol Wojtyła/Papa São João Paulo II. ([emanuel\\_nilo@hotmail.com](mailto:emanuel_nilo@hotmail.com))

<sup>3</sup> Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (2011- 2014), Bacharel em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (2011 - 2013), Mestre em Filosofia Política pela Universidade Federal do Ceará (2016-2018) e Bacharelado em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza (2018). Coordena um grupo de estudos dedicado ao pensamento de Karol Wojtyła (João Paulo II), vinculado à Faculdade Católica de Fortaleza (Grupo de Estudos Wojtylianos). ([deusimar@gmail.com](mailto:deusimar@gmail.com))

## INTRODUÇÃO

O polonês Karol Wojtyła (1820-2005) aquele que se tornara posteriormente pontífice da Igreja, viveu em um contexto de guerra e pós-guerra, seus olhos contemplaram a ascensão de regimes totalitários e ideologias na primeira metade do século XX, aí também, a aversão axiológica da pessoa humana decorrente do advento anterior da modernidade. As novas formas de pensar trazem em si o questionamento acerca do homem, o surgimento de novas correntes de pensamento. A primeira metade do século XX foi palco de acontecimentos que envolveu não somente a Europa, mas todo o mundo. Os fatos marcaram uma mudança crucial para a situação política e social. O período de entre guerras foi palco do nascimento daquilo que João Paulo II afirma na obra *Memória e Identidade*, ideologias do mal, aqui ele se refere ao nazismo e comunismo. E como dito acima, todo esse advento não é resultante somente do século XX, mas tem suas raízes na história do pensamento filosófico europeu. Com um olhar no próprio testemunho, João Paulo II, lembra também os obstáculos postos frente a formação do pensamento filosófico que não se adequasse ao marxismo. Na compreensão do *cogito, ergo sum*, Deus se reduzia a uma ideia e o homem desaparecia diante do iluminismo.

No profetismo, o professor polonês em Lublin inicia o desenvolvimento do seu pensamento no mesmo impulso do nascimento do personalismo, a tentativa de responder aos questionamentos da época com uma antropologia que fosse capaz de devolver ao homem a sua compreensão verdadeira. É perceptível na maioria dos escritos de Wojtyła a presença de elementos que nos direcionam para a ética. A pessoa humana como centro de reflexão aponta para a ética desenvolvida em Karol Wojtyła, tendo como fundamento a norma personalista que tem para a pessoa o dever moral e a afirmação do seu valor.

## 2 A ÉTICA CRISTÃ, CAMINHO PARA O PERSONALISMO ÉTICO DE WOJTYLA.

Abbagnano em seu dicionário de filosofia traz uma dupla concepção: a primeira considera a ética “como ciência do fim para a qual a conduta dos homens devem ser orientada e dos meios para atingir tal fim, deduzindo tanto o fim quanto os meios de natureza do homem”. E a segunda concepção “como a ciência do móvel da conduta humana e procura determinar tal móvel com vistas a dirigir ou disciplinar essa conduta” (2012, p. 442). A

tentativa de determinação da ciência com olhar sob a direção ou disciplina se aproxima da ideia de discernimento da conduta da vida moral do homem.

Para Wojtyła a abordagem da estrutura conceitual da pessoa afirma que “a ética realiza um julgamento sobre a vontade, e não tanto sobre os valores, pois a vontade é a capacidade de responder a esses valores, e não simplesmente de reagir a eles afetivamente, visto que não são os valores e os objetos que controlam o homem” (ALBUQUERQUE, 2016, p. 14). Ao contrário, é o homem que é o sujeito de si mesmo, pois carrega em si a propriedade da vontade em uma atitude de resposta aos valores.

A partir desses pressupostos da compreensão geral da ética, partiremos para a sua compreensão do conceito em outro âmbito, a ética cristã. Para Wojtyła a “ética religiosa, e neste caso concreto se trata da ética cristã, surge da reflexão sobre a existência humana que se funda na Revelação” (WOJTYLA, 2010, p. 31 – 32). O diferencial da ética cristã é que ela parte da Revelação e como Karol Wojtyła apresenta “a Revelação formula também determinados tipos de comportamento”. Isso quer dizer que na vida moral do homem o seu comportamento tem ou pelo menos deveria ter a Revelação como ponto de partida. A partir da Revelação entendemos a perfeição humana que consiste na maior semelhança a Deus, como já apresentado no presente trabalho. Como também já esclarecido, a pessoa sendo criatura de Deus, é criada a Sua imagem e semelhança é chamado ao mandamento do amor que é a base da moralidade cristã. A pessoa é chamada a atuar a partir do amor. A ação humana, deve estar a luz da Revelação e do amor.

Os princípios revelados, em qualquer caso, não se opunham ao intelecto, embora o intelecto não fosse capaz de formulá-los. Por exemplo, embora o mandato de amar os inimigos seja um princípio moral difícil para o intelecto, no entanto, o homem, seguindo precisamente a razão, deve suportar toda a grandeza ética registrada nesse princípio de comportamento moral, que muitas vezes encontramos no Evangelho (WOJTYLA, 2010, p. 32) [Tradução nossa].

Wojtyła quer dizer aqui, que não há dificuldade do intelecto colocar-se em oposição aos princípios revelados, por mais que haja uma incapacidade de formulá-los. O exemplo dado esclarece essa situação. A prática de amar os inimigos anunciados por Jesus em um primeiro momento parece difícil ao intelecto, porém o homem é capaz de suportar essa dificuldade e é chamado a isso. Não só o Evangelho, mas a Sagrada Escritura como um todo é

fonte da Revelação de Deus, nela alguns princípios são também revelados principalmente com a encarnação do Filho de Deus, Jesus Cristo. “Uma ética centrada em Jesus Cristo” enfatiza “[...] o conteúdo da vida cristã, a exigência do esforço moral” (BARTRES, 1983, p. 104). A pessoa de Jesus Cristo torna-se fonte de comportamento moral.

O modo próprio de ser e viver que emana do Novo Testamento – qual *ethos* cristão – está de maneira clara explicitada, quer na atitude de Jesus Cristo e correspondente da opção fundamental, bem como na catequese das primeiras comunidades cristãs. É indiscutível o apelo ético que emerge da mensagem neotestamentária, que engaja os cristãos num próprio modo de ser e de viver (AGOSTINI, 2002, p. 75).

Jesus tornando-se fonte do comportamento moral forma o *ethos* cristão. Agostini esclarece a indiscutível opção de vida a partir da pessoa de Jesus e sua influência no comportamento humano. A mensagem que emana do Novo Testamento atrai as pessoas em uma opção no modo de ser e viver.

Outra significação importante para a ética cristã no personalismo é o do dever. Para Karol Wojtyła a razão e a vontade definem o dever. “O dever moral está em relação com a vontade, se refere a ela, é simplesmente seu dever. No dever, a vontade se faz em certo sentido, a representante dos principais interesses do ser humano, de seu ‘ser ou não ser’ moral” (WOJTYLA, 2010, p. 49).

Nas últimas análises que temos feito até agora sempre recorremos a Revelação. Aspecto real da religião tornar-se fonte, coadunado com amor da moralidade cristã. Dentro dessa realidade da ética cristã surge um questionamento sobre uma ética independente.

O problema da ética independente deveria ser analisado precisamente sob este aspecto. Se nos fixamos na conhecida afirmação do professor T. Kotarbisnki, tem que dizer, que no programa da ética independente, se trata nada mais de um sistema de normas morais independentes da religião, porém, sem essa independência da religião, não contém obviamente nenhum princípio que defina o comportamento do homem com o respeito a Deus (WOJTYLA, 2010, P. 119 - 110) [Tradução nossa].

Ao mesmo tempo que essa noção traz uma simplicidade no entendimento de que as normas morais são independentes da religião, ela tem como consequência a não existência de princípios que defina o comportamento do homem com respeito a Deus. Vimos que a ética cristã tem por base a Revelação, fonte dos princípios que devem nortear a vida do homem. A

partir da Revelação o homem encontra na pessoa de Jesus o *ethos* cristão. Tendo como base a ética cristã deve pautar toda vida a luz do Evangelho e do mandamento do amor.

### **3 A EXPRESSÃO PROFÉTICA DE AFIRMAÇÃO DO VALOR DA PESSOA.**

A partir da ética personalista teremos um olhar sobre a pessoa e suas ações. Na compreensão da inteireza da pessoa humana afirma Styczen (2010, p. 125) que o homem é incomparável com tudo o que está fora de si e parafraseando Karol Wojtyła em um de seus poemas, cada pessoa não se iguala a outra, ela é inteira e única.

Que diz finalmente a experiência do dever moral [...] de proclamar a dignidade da pessoa [...] em primeiro lugar, do “amor”? O amor é a responsabilidade da dignidade da outra pessoa (Amor e Responsabilidade). O dever moral é o dever como algo que pertence a pessoa digna de ser pessoa, a resposta medida pelo objeto da resposta e pelo sujeito da resposta. A experiência proíbe diferenciar do dever e o dever do amor, e esclarecer que o dever moral é o dever de amar a pessoa e, ao mesmo tempo, que o amor da pessoa respeita a pessoa do dever (STYCZEN, 2010, p. 125-126) [Tradução nossa].

O dever moral é acentuado com outro olhar, o do amor e da responsabilidade. Antes de tudo o dever moral afirma a dignidade da pessoa levando em consideração o amor que traz consigo, a responsabilidade. Essa dupla dimensão é apreendida pela experiência cognitiva do homem, influenciando o modo de ver e de se relacionar com o outro. Toda essa análise da afirmação da pessoa, do amor e a responsabilidade é realizada na obra *Amor e Responsabilidade* tendo em vista a relação conjugal, porém, trazemos para dimensão comunitária e não apenas a célula matrimonial.

Na obra *Memória e Identidade* (2005), João Paulo II respondendo ao questionamento sobre o aproveitamento das possibilidades da livre decisão, com o objetivo de futuramente evitar um regresso do mal ativo pelos sistemas e ideologias, retoma ao tema do utilitarismo, lembrando que o homem na visão utilitarista busca em primeiro lugar o prazer. Na resposta que Karol Wojtyła constrói em *Amor e Responsabilidade*, utiliza-se do imperativo categórico de Kant e na obra *Memória e Identidade*, João Paulo II, volta ao tema afirmando que a resposta à ética utilitarista está na filosofia de Kant, assim ele afirma que para Kant é perigoso e é uma ameaça para a essência da moral, colocar o prazer em primeiro lugar.

No imperativo categórico de Kant podemos ver a seguinte afirmação: “age de tal modo a tratar a humanidade, tanto na tua pessoa como de qualquer outro, sempre contemporaneamente como fim e nunca como meio” (KANT apud. JOÃO PAULO II, 2005). No desenvolver da norma personalista Wojtyła se utiliza de tal pressuposto para afirmar que a norma personalista em seu sentido negativo diz respeito a compreensão de que

a pessoa é um bem que não se coaduna com a utilização, visto que não pode ser tratada como um objeto de prazer, e portanto, como um meio. O seu conteúdo positivo aparece paralelamente: a pessoa é um bem tal que só o amor pode ditar a atitude e válida a seu respeito. É isso que o mandamento do amor enuncia (WOJTYLA, 2016).

Na contraposição ao utilitarismo, a norma personalista retira a pessoa humana da instrumentalização e lança ao mandamento do amor, nesse se reconhece seu valor sendo sempre superior a axiologia utilitarista. A pessoa sendo objeto do mero prazer, tornar-se instrumento, tornar-se coisa. O dom de si, da qual Karol Wojtyła define o amor em uma de suas análises realizada em *Amor e Responsabilidade* revela a autoafirmação do homem, tal afirmação se concretiza no ato livre que deve está fundamentado na verdade sobre o bem que ele mesmo elege.

A criação do homem, a Revelação de Deus e conseqüentemente o mandamento do amor, revelam a dignidade e valor da pessoa. Na norma personalista não está em jogo, a reação afetiva sexual a esses valores, mas o reconhecimento e a aceitação do valor moral que deve orientar o homem no exercício do *bonum honestum*, ou seja, o fim se conforma com a essência do objeto da ação, assim, o seu fim é honesto (JOÃO PAULO II, 2005).

Por exemplo, o prazer nunca será um bem verdadeiro pois este não é elegido por si mesmo, mas sempre necessita da mediação de outro bem, assim, a liberdade que deve ter fundamento na verdade, perde seu caráter ao eleger um bem não verdadeiro, com é do prazer e assim se perde seu valor personalista, pois desta forma, foge do princípio deste.

Ética é o tratado sobre o amor que é devido à pessoa, ou o tratado da necessidade de responder à pessoa com amor. A pessoa é um objeto e, ao mesmo tempo, o sujeito desse amor devido. A pessoa ética está claramente ciente dessa experiência, não pode deixar de mostrar a ponte entre amor e dever, os laços internos entre eles (STYCZEN, 2010, p. 125).

A ética personalista wojtyliana leva em consideração o amor. A perfeição do amor, no qual já introduzimos, diz respeito a realidade de que a pessoa sendo criatura de Deus, que é amor, portanto, criado por amor, atingi o grau da perfeição quando se aproxima cada vez da “plenitude do ser e de toda perfeição” (CIC, § nº 213). Essa compreensão se coaduna ao amor que é devido a pessoa, pois se a pessoa é criatura do amor, logo, o amor lhe é devido. Poderíamos concluir nosso trabalho aqui afirmando que as bases da ação humana a partir da ética personalista é o amor. Desse amor que deve nortear a apreensão (cognitiva), a experiência, a consciência, para chegar na tomada de decisão do atuar.

Tendo em vista essa análise e a experiência que se tem com a pessoa que é a imagem de Deus, “a experiência com ela e a apreensão de seu valor geram, no homem, um dever para [...] com o outro de maneira absoluta e inalienável. Pois o outro não é apenas um *alter ego* (outro eu), como a experiência parece elencar, mas é imagem de Deus, é pessoa” (ALBUQUERQUE, 2016, p. 15). Pelo fato de a pessoa ser criatura de Deus e ser a sua imagem e semelhante temos uma carga valorativa a respeito do homem. A outra pessoa não deve ser vista somente como o outro qualquer e sem valor, ela é pessoa humana tem uma dignidade e um valor. “O amor, porque corresponde à natureza aos valores da pessoa, manifesta a intrínseca relação entre antropologia e a ética” (SILVA, 2005, p. 134).

Nas mesmas considerações, o princípio da personalidade humana, “é, pois, como nos ensina a Igreja, obra do próprio Deus: é Ele quem cria a alma espiritual e imortal do ser cujo organismo começa a existir após as relações devem ser resultado do amor das pessoas e encontrar nesse amor a sua plena justificação (WOJTYLA, 2016, p. 49). Sobre a criação do homem, Wojtyla explica a justificação da pessoa a partir do amor, a pessoa humana é justificada no amor. Em suma, “a participação da vida do Criador e a vocação do ser humano a reconhecer e acolher a lei natural fundamenta seu valor e sua dignidade (SILVA, 2005, p. 137).

## CONCLUSÃO

Karol Wojtyla revela no seu personalismo uma ética capaz de ordenar a pessoa humana diante de uma sociedade martirizada pelas ideologias do mal, afirmação esta do próprio João Paulo II. A ética desenvolvida por Wojtyla é resposta para a inquietações do

mundo acerca da pessoa humana. No profetismo antropológico a ética personalista devolve ao homem a via de sua ação moral, orientada para verdade e o bem.

Os pressupostos visto no presente trabalho leva-nos a conclusão de que a pessoa que é imagem e semelhança de Deus chamada ao mandamento do amor que é a base da moralidade cristã. Na contraposição ao utilitarismo Karol Wojtyla desenvolve a norma personalista tendo como fundamento o imperativo categórico de Kant, que exclui por completo o utilizar-se da pessoa com meio, pois ela tem um fim em si mesma. Essa compreensão se coaduna com o mandamento do amor. Dentro da compreensão da ética personalista de Karol Wojtyla concluímos que a base da ação humana é o amor.

Portanto, a ética personalista de Karol Wojtyla é profetismo, pois é resposta para mundo mergulhado em uma crise da pessoa humana. Se torna para hoje resposta, pois é o caminho de uma verdadeira compreensão da pessoa humana em sua inteireza. Enfim, como Karol Wojtyla expressou em um de seus primeiros poemas e que perpassa todo seu legado, *o amor me explicou todas as coisas, o amor resolveu tudo para mim*.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Nilo. **Ética Cristã e Desafios Atuais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ALBUQUERQUE, Francisco Deusimar Andrade. A Ética Personalista de Karol Wojtyla: Uma Tensão entre Scheler e Kant. **Mimesis**, Bauru, v. 37, n. 1, p. 7-20, 2016. Disponível em: [https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis\\_v37\\_n1\\_2016\\_art\\_01.pdf](https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis_v37_n1_2016_art_01.pdf). Acesso em: 27 fev. 2019.

JOÃO PAULO II. **Memória e Identidade**. São Paulo, SP Objetiva. 2005.

SILVA, Paulo Cesar da. **A Antropologia de Karol Wojtyla: pessoa e dignidade no pensamento de João Paulo II**. Aparecida - SP: Ideias e Letras, 2005.

STYCZEN, Tadeusz. **Ensayos de Ética Personalista**. In: WOJTYLA, Karol. *Mi Visión del Hombre, hacia una nueva ética*. Tradução Pilar Ferrer. Madrid (Espanha): Edições Palabra, 2010. (Serie Pensamiento, v.1).

WOJTYLA, Karol. *Mi Visión del Hombre, hacia una nueva ética*. Tradução Pilar Ferrer. Madrid (Espanha): Edições Palabra, 2010. (Serie Pensamiento, v.1).

WOJTYLA, Karol. **Amor e Responsabilidade**. Tradução Manuel Alves da Silva. São Paulo - SP: Cultor de Livros, 2016.